

# PROJECT GHOST

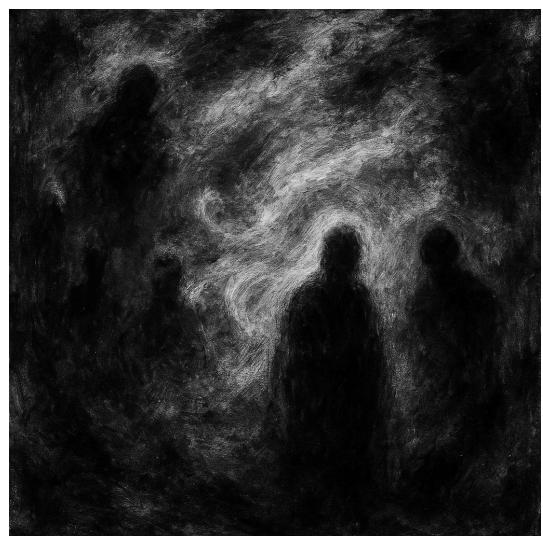


# Project Ghost

## — Prólogo —

*Escrito por:*

*Samuel Victor*



*“Uma vez, eu sonhei que caminhava entre espíritos,  
e ao despertar encontrei apenas silêncio.  
Agora não sei se sou um vivo assombrado pelos mortos,  
ou um morto que insiste em viver.”*

**A morte é o ponto final de tudo.**

**O instante em que matéria e espírito se desfazem e se misturam no mesmo silêncio.**

Nessa fronteira, as escolhas perdem peso.

O tempo de pedir perdão se encerra com o último suspiro.

Os ponteiros do relógio se encontram pela última vez, e tudo o que fomos desaparece com eles:

O último adeus, o último beijo.

Fecha-se a cortina.

É a hora de fechar os olhos...  
e descansar.

**Ao menos, era assim que deveria ser.**

Pois o mundo dos vivos e dos mortos,  
esse abismo que acreditávamos infinito,  
foi atravessado.

Não sabemos por quem, nem quando.  
Apenas que algo mudou.

Espíritos que antes estavam destinados a descansar, agora clamam por uma nova chance de realizar seus desejos.

E agora, o destino de todas as almas  
balança na beira desse mesmo abismo.

---

Haruki despertava em um lugar onde a escuridão parecia viva. Densa. Pesada. Quase palpável.

Nesse vazio absoluto, apenas um ponto de luz flutuava à distância, uma fagulha solitária, tremulando como uma chama que o chamava pelo nome sem emitir som algum.

Ele tentou caminhar até ela. Um passo. Depois outro.

Mas cada movimento ficava mais pesado, como se algo o puxasse pelos tornozelos. Quando tentou correr, percebeu que não saía do lugar. Era como estar preso dentro do próprio corpo... impotente.

A chama começou a se dividir em pequenos fragmentos, girando ao redor de si mesmas, até formarem a silhueta de um relógio antigo.

Marcava meia-noite.

O ponteiro avançou um segundo.

Um único e solitário tic ecoou por toda a escuridão.

– O que é você? – Haruki murmurou, levantando a mão para tocá-lo.

Quando seus dedos se aproximaram, o relógio respondeu – não com voz, mas com algo que soou como o próprio tempo falando dentro da sua mente:

– Ainda resta tempo. Mas o tempo não é eterno. Valorize o seu.

Assim que o tocou, a superfície luminosa se desfez como vidro quebrando. E ele caiu.

O vazio abaixo se iluminou repentinamente, como se um horizonte de luz branca estivesse explodindo sob seus pés.

Sinos começaram a tocar, cada badalada mais forte que a anterior, anunciando o fim da meia-noite, e o início de algo maior.

Uma sensação avassaladora tomou conta do seu peito.

Ansiedade.

Medo.

A certeza de que, se atingisse o fundo daquele abismo, algo dentro dele morreria junto.

E antes que pudesse gritar

---

## BEEP BEEP BEEP BEEP BEEP!

Haruki acordou com o coração em disparada. Aquilo não passava de um sonho.

– Cara, já é de manhã, e outro daqueles sonhos bizarros. Talvez seja efeito dos remédios.

Estressado, Haruki desliga seu celular se cobre novamente:

– Vamos logo Haruki, está quase dando a hora de você sair, espero que você esteja arrumado!

Gritou sua avó, Sônia Takamatsu, com uma bacia de roupas sujas, ela logo abre a porta do quarto e se depara com um ambiente escuro e mofado, com roupas espalhadas pelo chão, e uma completa desordem:

– Vamos Haruki você irá se atrasar de novo, igual ontem. – Sônia vai em direção às janelas e puxa as cortinas.

– Eu não quero sair de casa hoje. – Haruki diz com uma voz arrastada.

– Não é como se você tivesse muita escolha, a escola já foi muito gentil dando 3 meses de luto para nós. – Suspira a senhora, que sai do quarto.

Haruki toma coragem saindo do quarto e indo até o banheiro.

Ele então se olha no espelho.

*Haruki Takamatsu é um jovem rapaz de 17 anos, ainda estudante, relativamente alto, tem olhos pretos e está com o cabelo bagunçado também preto e com tamanho padrão de um jovem japonês, usa uma camiseta branca claramente de vários dias sem troca, e o seu semblante é cansado, apesar de ter dormido a noite inteira.*

Ele vai até o chuveiro e após um banho de 15 minutos, ele veste seu uniforme escolar e vai até a cozinha.

– Olha só quem finalmente quis ver a luz do dia, vamos, fiz seu café da manhã, coma enquanto ainda está quente. – Soridente, disse sua avó. – E não esquece o guarda-chuva, hoje a previsão é de chuva depois da aula!

Haruki se senta, encara a comida, e após alguns segundos encarando claramente sem muita disposição, se alimenta, e parte em direção ao seu retorno para a escola.

---

Haruki se vê no metrô do Japão, que fica a poucos minutos de sua pequena casa. Pessoas apressadas cuidando da própria vida, empurrando umas as outras, Haruki se pergunta:

“Será que é só isso que a vida adulta me reserva?”

Vai até uma máquina de vendas automáticas, deposita algumas moedas e retira um pacote de batatinhas fritas, que imediatamente abre e começa a comer.

## DING DONG!

O trem vai partir em breve, ele corre, e por sorte, um assento perto da janela.

Enquanto a viagem ocorre, o trem chega em uma estação e enquanto os passageiros entram, Haruki olha para fora, e vê dois homens brigando em um beco ao longe mas notável, um homem com tatuagens nos braços e um soco inglês, espancando um homem engravatado. O sangue do rapaz era visível, e escorria do seu rosto, sua camisa social estava manchada de lixo da rua e do próprio líquido vermelho.

“Me pergunto o quê alguém precisa fazer para apanhar desse jeito” - Pensou Haruki.

– Infelizmente isso é mais comum do que parece. – Disse um dos passageiros, um homem também engravatado e que carregava uma mala, estava conversando com uma mulher.

– De fato, meu irmão mais velho do norte quase foi **assassinado** pela Yakuza por não pagar o empréstimo de 200.000 ¥, lamentável, mas isso é algo que nem o próprio governo consegue comandar. – Respondeu a mulher enquanto se virava para não olhar.

– Isso se, o próprio governo não estiver envolvido né! – Gritou um homem claramente bêbado no fundo do vagão.

“Assassinado...” – Essa palavra ecoou na mente de Haruki, como tocar em uma cicatriz não curada.

Haruki ainda não tem uma opinião formada quanto a isso, então decide passar o resto da sua viagem lendo e tentando não tocar nesse assunto agora.

---

Após algumas estações, finalmente Haruki estava em sua escola Golden Oak, e os olhares de surpresa o cercavam por todos os lados:

- Ei não era aquele moleque sumido? – Sussurravam.
- Eu fiquei sabendo que o pai foi assassinado a sangue frio pela Yakuza. Não deveríamos nos envolver com alguém como ele.
- Então é verdade os rumores?
- Isso foi depois, algumas semanas após a morte de seu pai.
- Quietos, ele pode estar ouvindo.

Haruki não aguentava mais aqueles comentários. Os olhares tortos, as conversas abafadas, os risos discretos. No corredor, a multidão parecia se afastar dele como se carregasse algo contagioso. Com um suspiro pesado, colocou os fones de ouvido, buscando refúgio na única coisa que ainda parecia entendê-lo.

- E a mãe dele...? – sussurrou alguém atrás.
- A mãe... foi pior ainda. Ouvi que—

As palavras atravessaram seus fones como se o volume estivesse desligado.

Haruki parou.  
O ar ficou pesado.  
Sua visão afunilou.

Ele virou lentamente.

- Não falem da minha família.

Antes que pudesse pensar, já havia avançado.  
O soco acertou o rosto do garoto com força suficiente para ecoar no corredor.  
O impacto o fez cair de costas, a boca sangrando enquanto tentava se recompor.  
Haruki não podia se controlar, seus sentimentos o dominaram, ele desferiu socos no garoto, até que se pode ouvir a voz dele entre os golpes:

- C... cara... calma...! M-me desculpa! – gaguejou ele, apavorado.

Um burburinho se espalhou.  
Estudantes recuaram, abrindo espaço.

E foi então que uma voz mais alta cortou o corredor:

– Takamatsu! Agora mesmo para a diretoria!

Uma professora vinha a passos rápidos, claramente alarmada.

Haruki respirava pesado, as mãos trêmulas e com algumas gotas de sangue do nariz do estudante, o coração disparado e um vazio enorme consumindo o interior do peito. E de repente, escuridão, Haruki se viu novamente na escuridão, sem ar, sem rumo, apenas ele e o sangue da sua vingança.

– Vem. Agora. – ordenou o professor, segurando-o pelo braço antes que ele pudesse reagir.

– Eu sei onde fica essa merda. – Puxou o braço e passou na frente do professor em direção à sala do diretor.

Ele ficou em silêncio pelos corredores. Podia sentir os olhares pesando sobre suas costas como agulhas. Todos estavam apavorados. Ao entrar na sala da diretoria, a porta se fechou atrás dele com um clique seco. A diretora, uma mulher séria de meia-idade, o encarou por cima dos óculos.

– Haruki Takamatsu... meses afastado, voltou ontem, e hoje já está aqui por agressão. Quer me explicar o que aconteceu?

Ele manteve os olhos baixos.

– Eles falaram da minha família.

A diretora suspirou profundamente, esfregando a testa.

– Haruki... você precisa entender que violência nunca será a solução. Você está passando por muita coisa, sim. Mas isso não lhe dá o direito de machucar alguém.

Silêncio.

– Vou precisar ligar para um responsável seu. – completou ela, pegando o telefone.

Haruki engoliu seco. Sua expressão se contorceu entre vergonha e desespero.

– Por favor... não chame minha avó. Ela já está lidando com tanta coisa...

A diretora o observou por um momento, avaliando.

– Há mais alguém que possa vir no lugar dela? – Com voz de deboche.

Haruki respirou fundo.

– ...Meu tio. Shiatsu Takamatsu.

A diretora assentiu e começou a discar o número enquanto Haruki encarava o chão, sentindo a mistura amarga de culpa, raiva e impotência fervendo dentro de si. Ele só queria... que parassem de falar da sua família. Que parassem de tratá-lo como um morto-vivo andando pela escola. Que deixassem o luto dele em paz. A diretora terminou a ligação e, alguns minutos depois, bateram na porta da sala.

– Com licença... – disse Shiatsu, entrando com seu jeito cansado porém acolhedor.

Ele olhou para Haruki e abriu um sorriso torto que dizia mais “tudo bem” do que qualquer palavra poderia dizer.

– Haruki, vocês podem conversar lá fora. – disse a diretora. – Seu tio já foi informado de tudo.

Haruki apenas assentiu e o seguiu para o corredor. Quando ficaram sozinhos, Shiatsu cruzou os braços e suspirou profundamente.

– Você deu um soco no garoto? – perguntou sem raiva, mas com aquele ar de alguém que tenta ser responsável.

Haruki desviou o olhar.

– Ele falou da minha mãe.

Shiatsu ficou em silêncio. Depois, colocou a mão no ombro do sobrinho.

– Então... acho que entendo, sei que fez porque ele mereceu. Mas vamos resolver isso de um jeito melhor, tá?

Haruki assentiu.

---

Eles saíram da escola e entraram no carro velho de Shiatsu – um sedan branco manchado pelo tempo, com um cheiro constante de café requentado.

– Entra aí. E coloca o cinto... o carro pode não parecer, mas ainda anda. – disse ele, tentando aliviar a tensão.

Haruki quase sorriu.

O carro deu partida com um ronco estranho, e eles começaram a andar pelas ruas estreitas da cidade. Por alguns minutos, o silêncio dominou o ambiente.

Até que Shiatsu decidiu quebrá-lo.

– Sabe... seu pai já tomou uma suspensão pior do que a sua. – comentou, olhando a rua à frente. – Você sabia disso?

Haruki piscou, surpreso.

– Meu pai? Sério?

– Sério! – Shiatsu riu, lembrando. – Uma vez, quando nós tínhamos sua idade, Takashi bateu no capitão do time de beisebol... com um taco.

Haruki arregalou os olhos.

– O quê?!

– Foi sem querer! – corrigiu Shiatsu rapidamente, levantando o dedo. – Ou... bem... meio sem querer. Ele girou para rebater a bola, o taco voou da mão dele e pá! – acertou o nariz do coitado. Quebrou na hora.

Haruki não segurou a risada.

Foi pequena, mas foi a primeira desde muito tempo.

– E o pior – continuou Shiatsu, já rindo também – é que seu pai saiu correndo do campo e foi me pedir pra assumir a culpa! Como se eu fosse idiota o suficiente pra aceitar ou de alguém acreditar, eu sempre fui o aluno quietinho e comportado.

– Ele faria isso mesmo... – murmurou Haruki, sorrindo pela primeira vez de verdade.

Shiatsu olhou para o garoto, e seu sorriso também amoleceu.

Por alguns segundos, o carro ficou cheio de algo que Haruki quase tinha esquecido: leveza. Memória boa.

– Ele sentia muito orgulho de você, sabe? – disse o tio, agora em um tom mais suave. – Falava de você o tempo todo.

Haruki engoliu em seco, desviando o olhar para a janela.

– Eu só... queria ter tido mais tempo com ele.

– Eu sei, garoto... eu sei.

O carro virou a última esquina antes da casa do tio.

– Mas ainda dá pra você honrar ele de um jeito que não te destrua no processo. – concluiu Shiatsu.

Haruki não respondeu.

Parte dele queria acreditar.

Outra parte... queria apenas respostas.

Pouco depois, eles chegaram à casa. Sachiko, sua tia, os recebeu com simpatia, e Shiatsu guiou Haruki até o sótão.

As escadas rangiam com cada passo, como se ecoasse lembranças antigas.  
Ao chegarem no topo, Shiatsu abriu um baú coberto de poeira.

Lá dentro, repousava a katana. E, sobre ela, uma carta selada. O ar pareceu ficar mais pesado.

– Acho que isso pertence a você agora. – disse Shiatsu, entregando o baú.

Haruki ficou paralisado por um momento.

O metal frio. O peso do objeto. O significado.

– Essa katana está na nossa família há gerações – explicou o tio. – Não por guerra, mas como símbolo. Seu pai cuidava dela como se fosse... parte dele.

– E o quê eu devo fazer com isso? – Indagou Haruki.

– Eu não sei. – Riu Shiatsu. – Sinceramente, nunca entendi o porquê ele guardava tanto isso, ele só dizia que queria ser como essa katana, não como uma arma para matar, mas para proteger quem ele ama.

Haruki abraçou o tio repentinamente, com força. Shiatsu retribuiu sem pensar. Aquele momento... era o mais próximo de paz que Haruki havia sentido em meses.

Mas ele quebrou a paz com um sussurro trêmulo:

– Eu preciso achar quem fez isso com ele.

Shiatsu congelou.

– Haruki... não. Eles são perigosos. Você sabe disso. Seu pai....

– Eu não me importo. – Haruki respondeu, a voz endurecendo. – Eu só quero justiça. Vingança... qualquer coisa que acabe com isso.

Shiatsu não conseguiu responder. O silêncio falou por ele.

Pouco depois, tomaram café com Sachiko, conversaram sobre coisas triviais para quebrar o clima. E então, Haruki partiu com o baú nos braços.

Sem perceber, carregava muito mais do que uma arma.

Carregava o início de algo maior. Algo que ele ainda não entendia. Algo que o puxaria para um destino que já estava em movimento. Haruki colocou o báu nas costas como uma mochila, e partiu.

---

Chegando ao cemitério de sua cidade, Haruki carregava algumas flores já levemente amassadas pela chuva fina. Caminhou lentamente entre os túmulos enfileirados, os pés afundando levemente na terra úmida, até parar diante de dois em especial. Abaixou-se e passou os dedos pela pedra fria, limpando a sujeira acumulada para conseguir ler:

*“Akira Takamatsu”*

Ao lado, outra lápide mais simples:

*“Yui Takamatsu”*

No instante seguinte, a chuva engrossou. As gotas batiam fortemente contra seus ombros e escorriam pelo rosto, misturando-se ao que ele fingia não ser lágrimas. O céu já estava fechado há algum tempo, mas Haruki só percebeu quando o primeiro trovão ecoou ao longe.

Ele olhou ao redor.

Não havia mais ninguém naquele cemitério.

Ainda assim, o ar parecia pesado, denso, como se algo estivesse ali, observando em silêncio. Haruki trocou as flores antigas por novas, endireitou o vaso e limpou o musgo que começava a tomar a lápide. A cada relâmpago que cortava o céu, a luz branca iluminava o cemitério por um breve segundo e, com ela, flashes de lembranças surgiam à força em sua mente:

---

A chuva caía fraca naquela tarde distante, pingando ritmada no telhado da pequena casa. Dentro, o ambiente era quente e iluminado.

– Se continuar chovendo assim, vamos ficar presos aqui – disse Akira, apoiado na porta, observando o céu.

– Melhor ainda – respondeu Yui, colocando uma toalha sobre a mesa – assim vocês dois param de brigar.

Haruki, ainda criança, segurava uma espada de madeira, os pés descalços escorregando no chão em pose de duelo.

– Não é briga! É treino! – protestou.

Akira riu, pegando outra espada improvisada.

– Então venha. Mas sem chorar quando perder. – Disse Haruki avançando contra seu pai.

Eles trocaram alguns golpes desajeitados, rindo alto. Um trovão distante fez as janelas vibrarem levemente. Haruki parou por um instante.

– Pai... mãe... – disse, sério de repente – vocês vão ficar comigo pra sempre, né?

Yui se aproximou e se abaixou diante dele, segurando seu rosto com cuidado.

– Enquanto houver tempo, nós estaremos com você.

Akira colocou a mão sobre a cabeça do filho.

– E mesmo quando não estivermos... – completou – você ainda vai nos carregar aqui.

Ele tocou o peito de Haruki.

A chuva lá fora aumentou.

A luz da sala piscou.

Um trovão explodiu no céu.

---

Haruki se afastou bruscamente da lápide, respirando pesado. A chuva agora caía forte, encharcando completamente seu uniforme.

– Aonde vocês estão agora... – murmurou, a voz falhando. – Eu ainda tô tentando... eu juro.

Foi então que ele ouviu passos atrás de si.

A cerca de cinco metros de distância, alguém estava parado entre os túmulos. Uma figura segurava um guarda-chuva preto, intacto em meio ao temporal.

Uma voz feminina, suave mas estranhamente impactante rompeu o silêncio:

– Você quer descobrir?

Haruki se virou de imediato.

A garota ruiva usava o uniforme da mesma escola que ele. Seus olhos o observavam com atenção.

– Talvez... – continuou ela, inclinando levemente a cabeça para os túmulos – eu possa realizar o seu desejo.

O trovão seguinte ecoou tão perto que o chão pareceu tremer.

– Quem é você? – Disse trêmulo, enquanto ficava de pé.

– Digamos que, alguém muito importante, deixamos as apresentações para depois. Apenas saiba que posso te dar as respostas que procura, se aceitar me ajudar.

Haruki limpa um pouco da sujeira do chão com as mãos enquanto responde:

– E que tipo de ajuda seria essa?

– Você já ouviu falar, no *pós vida*?

Haruki engoliu seco:

– Eu não acredito em Deus, e nem nenhuma dessas baboseiras de religião.

Ela deu uma pequena risada:

– Não é isso que eu quis dizer. Eu sei que é muita informação para dizer de cara então se interessar, pode nos contatar, eu e a minha equipe podemos te ajudar pelo preço certo. Apenas saiba que nós ajudamos as pessoas que sofrem, pessoas como você que perderam tudo, são a nossa prioridade.

Silêncio.

Ela coloca a mão por dentro do jaleco do uniforme e tira um cartão de visitas, e estende para frente. Haruki o aceita.

O cartão é completamente branco, apenas um desenho como um ícone de um fantasma em preto brilhante, de forma minimalista e até cartunesca. O verso, escrito bem grande no topo “Divisão fantasma” com uma fonte chique, e um número de telefone embaixo “012-7777-6666”, também preto.

– Nos vemos em breve, Haruki. – Ela se virou, e começou a ir na direção contrária.

– Espere! Como você sabe meu nome? E como sabe que vou ligar?

Ela colocou a mão no queixo e riu, virou apenas seu tronco para haruki e olhando nos olhos disse:

– Eu não atiro para errar bobinho. Até mais! – voltou a seguir seu rumo em meio aos túmulos.

Haruki voltou a encarar o cartão, enquanto algumas gotas molhavam o pequeno desenho de fantasma, lágrimas e chuva. Ele se virou na direção contrária, e foi embora, com o cartão no bolso do jaleco.

---

Haruki chega em casa encharcado da tempestade, tira seus sapatos e pendura seu casaco perto da porta:

- Vó! Cheguei! Desculpe o atraso! – Já era bem tarde, aproximadamente umas 19h.
- Dá próxima vez avisa, fiquei preocupada! – Gritou Sônia da cozinha, estava preparando o jantar.
- Sniff! Sniff! Que cheiro bom! – fungou Haruki, enquanto ia até a sala de estar.
- Curry, seu favorito querido! – Ela riu – Vai tomar um banho, e vem jantar, está quase pronto.

Haruki vai para o banheiro e começa a tirar sua mochila:

- Ah, desligue a TV por favor, eu não consigo me concentrar nela enquanto trabalho aqui. – suplicou Sônia.
- Claro vó... – Resmungou Haruki.

Ele então se aproxima da Televisão, uma pequena TV de tubo, velha, mas ainda funcionando o suficiente para assistir alguns canais. Estava passando reportagens cotidianas. Haruki então pegou o controle e quando se preparou para desligar, algo chamou sua atenção:

- *Tudo bem! Agora, voltando ao caso do empresário assassinado nesta manhã, vamos falar com a Hana Kobayashi, nossa repórter de plantão tão dedicada!*

Os olhos de Haruki se arregalaram por um momento quando apareceu a imagem do empresário. Era o mesmo homem que estava sendo espancado enquanto ele ia para a escola.

- *Boa noite a todos! Ainda não foi descoberto nenhum vestígio de quem fez esse crime, mas a polícia tem cuidado do caso a algumas horas, o homem em questão foi o empresário Ryo Tanaka, de 32 anos, foi encontrado apenas o corpo com diversas marcas de briga, e perfurado no rosto, também alguém cortou ele com alguma coisa afiada um formato de espécie de pentagrama mas a polícia não conseguiu identificar com exatidão o que era.*

*A foto do homem apareceu na tela, uma foto 3x4:*

- *A polícia e o nosso jornal deseja apoio à família da vítima, que deixou uma criança e uma esposa. – Continuou a repórter.*
- *É uma pena de fato, isso tem ocorrido com muita frequência, os índices de violência e eventos estranhos têm acontecido cada dia mais, o que será do nosso país? Lembre-se disso nas eleições deste ano!*

Haruki então trocou de canal, e ficou encarando a imagem de chiado, sem sinal:

– Uma criança e uma esposa...? Não pode ser, será mesmo que era ele que vi mais cedo?

Ele começa a suar frio, uma ansiedade domina seu peito:

– Será mesmo que com ela, eu posso salvar essas pessoas? E se ela estiver falando a verdade?

– Ele olha para o jaleco pendurado na porta. – Talvez, seja a resposta não só para mim, mas para todos.

– Haruki!!! Vai para o chuveiro! – Gritou sua vó.

– C-Calma, eu já vou vó!

Haruki vai em direção ao jaleco e procura pelo cartão, vazio, o bolso está furado:

– Não, não, não! Droga! – Gritou ele, desesperado procurando pelos bolsos da roupa de seu corpo.

– O que foi Haruki? – Disse sua avó ainda longe.

– N-Nada vó, preciso sair agora tá bom? Volto mais tarde! – Pegou um guarda chuva e partiu de casa correndo.

Antes que Sônia pudesse dizer algo, ele já havia partido com apenas roupa do corpo. Haruki correu para fora de casa e encontrou o cartão no chão, sendo levado pela correnteza indo em direção ao bueiro.

– Não! – Largou o guarda chuva e correu para resgatá-lo.

A chuva ficou mais forte, cada passo era como uma lembrança, arrependimentos, medo:

– Eu não vou deixar mais ninguém sofrer! Eu vou ter a minha vingança!

Ele o alcança, por poucos segundos sua chance de contato quase foi pelo ralo literalmente. Desesperadamente vai para a calçada em uma loja fechada com um toldo para se abrigar da chuva, tira seu celular do bolso e começa a discar:

– Ok, vamos ver... 0-1-2... 7-7-7-7 ? Que número mais estranho... 6-6-6-6, certo, e... ligando! – Coloca o celular no ouvido e começa a chamar.

***PI...! PI...! PI...! Chamando...***

– *Alô, somos a divisão fantasma quem deseja falar com a senhorita Fumiko? – A voz no telefone estava distorcida, aparentemente propositadamente, não dava para saber se era de uma mulher ou de um homem.*

– A-Alô, alguém me deu esse cartão disse que eu deveria ligar se precisasse de respostas. – Respondeu Haruki, trêmulo mas não sabemos se era pelo frio da chuva ou pela ansiedade.

– *Certo senhor, um momento que iremos transferir sua ligação.*

Se passou alguns segundos:

– Olá Haruki. – Era a mesma voz da garota do cemitério.

– O-Oi... – Respondeu Haruki.

– Estou a poucas quadras, não se preocupe, eu já estava te observando a um tempo.

Ele engoliu seco. De repente um carro preto estacionou na frente dele, e o vidro abaixou no banco de trás, era a garota ruiva:

– Por favor, entre. Temos muito o que conversar.

Haruki com terror, puxa a maçaneta, e entra no veículo, que sobe os vidros e vai embora.